La Comédiathèque

Há algum autor na sala?

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Há um autor na sala?

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Passaram sete anos desde que uma crise sanitária obrigou ao encerramento de todos os teatros. Três supostos atores chegam ao palco para um casting. Ou talvez para uma leitura pública. Ou até para a estreia de um espetáculo... Só há um problema: não têm o texto da peça. O autor ainda não a escreveu. Vão ter de improvisar...

Personagens

Fred : actriz/actor
Max : actor /actriz
Sam : actriz/actor
Jacky : autor/autora

As quatro personagens podem ser interpretadas por homens ou mulheres. Nesta versão, Max e Jacky são homens, Fred e Sam são mulheres.

© La Comédiathèque

O palco está vazio. Na primeira fila da plateia, há um lugar reservado com um papel onde se lê «CRÍTICO». Jacky, o suposto crítico, chega por último, apoiado em muletas. Parece bastante debilitado e mais velho do que realmente é. Pode usar uma barba postiça e óculos. Senta-se. Fred entra em palco vinda dos bastidores e olha em redor, hesitante.

Fred – Bem... Também não se deram a grande trabalho com o cenário... Mais uma produção de baixo orçamento. Desde que tenham dinheiro para pagar aos atores... Podiam ao menos ter-nos oferecido um café... *(Repara no público.)* Ah, desculpem... Não sabia que isto era com público... Desculpem, eu... Só me avisaram ontem à noite e... *(Um pouco embaraçada.)* Parece que sou a primeira... Tirando vocês, claro... *(Uma pausa.)* Estão à espera há muito tempo? Não se preocupem, os outros não devem tardar... Espero eu... *(Continua a passear pelo palco, sem saber bem o que fazer.)* Mas podem continuar a conversar enquanto esperam... O espetáculo ainda nem começou a sério... Não liguem a mim... E eu vou fazer de conta que vocês não estão aqui. Quer dizer... como se a peça já tivesse começado. Chama-se a quarta parede, sabiam? É a parede imaginária do lado da plateia. Portanto, fingimos que... não está ninguém na sala. Claro que sabemos que há gente a olhar para nós, já que pagaram para isso, mas... Bom, vocês imagino que não pagaram... *(Max entra, mas Fred não repara logo nele. Ele fica a ouvi-la falar sozinha, um pouco surpreendido.)* É uma convenção do teatro. O ator sabe que há pessoas sentadas à frente do palco, mas a personagem finge que está ali uma parede. Evita olhar para os espectadores... e falar com eles, obviamente. Para não quebrar... a magia do teatro. A ilusão de que em palco não estão apenas atores a recitar um texto, mas personagens reais a quem acontecem coisas absolutamente fascinantes. É como no cinema: o ator não deve olhar para a câmara... No teatro, é muito importante respeitar as convenções. Não se pode começar a brincar com isso, senão... *(Um pouco perdida.)* Desmorona-se tudo...

Max – Olá...

Fred sobressalta-se ligeiramente.

Fred – Desculpa... Não te ouvi chegar.

Max – Não, não, a culpa é minha... Desculpa interromper-te. Estavas a ensaiar o teu texto, suponho.

Fred – O meu texto?

Max – O texto da peça.

Fred – Ah, não, eu...

Max – Mas é aqui, não é?

Fred – Sim, sim, suponho que sim... Só que, por enquanto, não está cá ninguém. Além de ti e de mim, claro. E do público...

Max repara no público.

Max – Estou a ver... Portanto, é um casting... com público.

Fred – Ah, então é um casting?

Max – Não foi isso que te disseram?

Fred – Foi, foi... Bem, a mim falaram-me mais numa leitura, mas... Vai dar ao mesmo, não é?

Max – Suponho que sim... *(Uma pausa.)* Só que... a mim não me deram o texto. A ti deram?

Fred – Não, a mim também não.

Max – Ah, não? É que há pouco ouvi-te... a recitar um monólogo.

Fred – Ah, não... Eu não estava a recitar.

Max – A sério?

Fred – Não, eu... estava a improvisar.

Max – A improvisar?

Fred – Bem, não... Estava só a falar. Como na vida real.

Max – Ou seja, estavas a falar sozinha. Estavas... a soliloquiar, como se diz.

Fred – Nada disso! Estava a falar... com o público.

Max – Claro.

Uma pausa.

Fred – Então, quando falo, achas que parece que estou a recitar?

Max – Não sei...

Fred – Nem quero imaginar quando estou mesmo a recitar... Quer dizer, quando digo um texto, no teatro...

Max – Pois...

Uma pausa.

Fred – Já agora, preferia ter lido o texto antes. Tu não?

Max – Sim... Eu também.

Fred – Afinal... somos profissionais, não somos?

Max – Claro...

Uma pausa.

Fred – E... quantos seremos?

Max – Desculpa?

Fred – Na peça! Quantas personagens tem?

Max – Pelo menos duas.

Fred – Pois, claro... Tu e eu...

Uma pausa.

Max – Três, acho eu.

Fred – Foi o que percebi também. Três personagens...

Max – Portanto, só falta... o terceiro homem.

Fred – Ou a terceira mulher.

Max – Sim... Não, era só uma alusão ao filme.

Fred – A um filme? Pensei que fosse uma peça de teatro...

Max – O filme... O Terceiro Homem...

Fred – Ah, sim... O... O filme. Desculpa, ainda não acordei bem...

Max – A mim também me fazia bem um café.

Silêncio um pouco embaraçoso.

Fred – Suponho que temos encontro marcado com o encenador.

Max – Imagino que o autor também esteja presente.

Fred – Com certeza... Pelo menos na primeira leitura da peça dele.

Max – E o produtor, provavelmente. Depois decidem todos em conjunto. O casting, quero eu dizer...

Uma pausa.

Fred – Achas que há outros candidatos? Se isto é um casting...

Max – Não sei...

Fred – Tinha ideia de que hoje era mais uma leitura.

Max – Ou então... já decidiram que vamos ser nós.

Fred – Devem ter ficado impressionados com a nossa experiência profissional...

Max – Ou não conseguiram encontrar mais ninguém...

Sam entra.

Sam – Olá! Venho para a leitura.

Fred – Estás a ver? Afinal é mesmo uma leitura!

Sam – Espero não estar muito atrasada...

Max – Não, não, descansa. Aliás, ainda não vimos ninguém.

Sam – Está bem... *(Olha em volta e descobre o público. Fica um pouco surpreendida, mas mantém-se muito à vontade.)* Olá a todos! Está tudo bem? *(Voltando-se para os outros dois.)* Então vamos representar juntos...

Max – Ao que parece.

Sam – Ótimo.

Uma pausa.

Fred – Suponho que também não te deram o texto.

Sam – O texto? Hã... Não.

Fred – Se calhar acham que assim... vamos ser mais espontâneos.

Sam – Espontâneos?

Fred – Se não soubermos o texto de antemão.

Max – Talvez...

Sam – Ao menos poupámos o trabalho de o decorar. Já não é mau...

Max – Mas se ficarmos com os papéis, um dia teremos de o aprender.

Fred – Pois...

Max – O texto... O texto da peça...

Uma pausa.

Sam – Por falar nisso, conhecem aquela aplicação nova para decorar falas?

Max – A que te dá as deixas?

Fred – O que é isso?

Sam – Carregas o texto da peça na aplicação e uma voz sintética dá-te as deixas.

Fred – Uma voz sintética?

Max – Uma voz artificial...

Fred – Ah, sim? Não conhecia...

Sam – É muito prática...

Max – Desde que haja um texto para carregar, claro.

Fred – Um dia destes ainda substituem os atores por robôs com vozes sintéticas.

Max – Isso resolvia de vez a precariedade do trabalho dos atores.

Sam – E quando substituírem o público por webcams, também fica resolvido o problema do confinamento.

Fred – Sem atores, sem espectadores... Só personagens desencarnadas a representar diante de câmaras de vigilância.

Max – Como nos desenhos animados da televisão.

Fred – Pois... Mas até as personagens dos desenhos animados têm texto. Nós, por enquanto...

Uma pausa.

Sam – Não sei o que é que eles andam a fazer...

Max – Hão de aparecer.

Fred – Espero bem...

Uma pausa.

Sam – De qualquer maneira, sabe bem voltar ao palco, não sabe?

Fred – Há tanto tempo que esperávamos por isto... Já nem acreditávamos.

Max – Sete anos com todos os teatros fechados... E hoje volta a subir o pano e acendem-se as luzes.

Fred – Como se o sol nascesse finalmente depois de uma noite interminável. Estamos no amanhecer de um novo dia. Talvez de uma nova era...

Os outros dois ficam um pouco surpreendidos com aquele arroubo lírico.

Sam – Pois... Aliás, cheira um bocado a mofo aqui, não acham?

Max – E o pó? Podiam ao menos ter varrido o chão e arejado a sala.

Sam – Ainda vamos encontrar cadáveres nos camarins e um esqueleto na caixa do ponto...

Breve momento de inquietação geral.

Fred – Ainda há pontos nos teatros?

Sam – E o que é que eles nos haviam de soprar? Nem sequer temos texto.

Uma pausa.

Max – Sete anos...

Fred – Isto vai deixar marcas, mas enfim...

Max – Muita gente não vai recuperar, isso é certo.

Fred – Centenas de teatros falidos, milhares de atores desempregados, dezenas de milhares de profissionais do espetáculo obrigados a mudar de profissão.

Sam – E, claro, não sabem fazer mais nada.

Max – Pelos vistos, este teatro é o único que pensa sequer em reabrir. Os outros foram todos substituídos por negócios essenciais: lojas de bricolage, mercearias finas, lojas de animais...

Sam – Mas nós estamos cá! Ainda de pé. Estou ansiosa por começar. Vocês não?

Max – Sem dúvida.

Uma pausa.

Fred – Sabem o título?

Sam – O título?

Fred – Da peça! Não temos o texto, mas... ao menos sabemos como se chama?

Max – Não...

Fred – Isso dava-nos uma ideia de qual era o assunto...

Max – É verdade. Não fazemos a menor ideia do que vamos representar.

Sam – Eu, sinceramente, estou-me nas tintas. Desde que possa representar...

Max – Já passou tanto tempo... Estávamos dispostos a fazer qualquer coisa. Dos grandes clássicos à... pior comédia de boulevard.

Fred – Sim... Desde que nos deem um texto... *(Silêncio.)* Porque, para ser franca, começo a ficar sem saber o que dizer.

Sam – Eu também.

Max – Não podemos continuar a debitar banalidades durante muito mais tempo. *(Mais baixo, indicando discretamente o público.)* Ainda perdem a paciência...

Sam – Há quanto tempo é que isto começou?

Fred – Ah, mas já começou?

Sam – Não, quero dizer... há quanto tempo estamos aqui?

Max – Não sei. Uns quinze minutos, talvez?

Sam – Pronto, já é um quarto de hora despachado, mas...

Uma pausa.

Max – E quando chegaram, viram alguém ou...?

Sam – Só vi a senhora da bilheteira à entrada...

Fred – A senhora da bilheteira...

Sam – Ao princípio nem me queria deixar entrar... Pensei que tinha de comprar um bilhete só para chegar ao palco.

Fred – Comigo foi a mesma coisa. Pelos vistos, não temos ar de atores...

Sam – Pelo menos não de atores famosos...

Max – Ainda vão exigir-nos um bilhete para termos direito a representar no teatro.

Fred – Ou deixam de contratar atores e põem os espectadores a representar a peça.

Sam – E até a escrevê-la, ali mesmo, em vez do autor...

Uma pausa.

Max – Então não sonhei... Estão mesmo a vender bilhetes à entrada.

Silêncio embaraçoso.

Sam – Pois... Para um casting, é um bocado estranho...

Fred – Ou mesmo para uma simples leitura...

Uma pausa.

Max – Vou lá ver...

Sam – Ver o quê?

Max – A senhora da bilheteira! Vou perguntar-lhe o que se passa. Não podemos ficar aqui o dia inteiro à espera, feitos parvos. Eu tenho mais que fazer. Vocês não?

Fred – Sim, sim... Claro... Também temos mais que fazer...

Sam – Está bem. Queres que vá contigo?

Fred – Não me vão deixar aqui sozinha! *(Apontando para o público.)* Com eles...

Sam – Pois... Sobretudo se pagaram.

Max – Já volto...

Max sai. As outras duas trocam um olhar preocupado. Fred dirige-se ao público.

Fred – Desculpem... Isto deve começar dentro de momentos...

Sam – Assim que nos derem o texto da peça.

Fred – Lamento estar a fazer-vos perder tempo com este espetáculo... perfeitamente dispensável.

Sam – Para não dizer não essencial...

Fred – Somos como vocês, não temos escolha... Estamos à espera...

Uma pausa.

Sam – Mas tu tens outras coisas que fazer?

Fred – Desculpa?

Sam – Ele disse que tinha mais que fazer, e tu respondeste que também. Tens mesmo alguma coisa melhor para fazer do que estar aqui?

Fred – Ah...? Hã... Não... Não tenho mais nada que fazer. *(Uma pausa.)* E tu?

Sam – Não...

Fred – Ele também não, suponho. Disse aquilo por dizer...

Uma pausa.

Sam – Nós não nos conhecemos, pois não?

Fred – Não... Porquê? Devíamos conhecer-nos?

Sam – Não sei... Temos a mesma profissão. Podíamos conhecer-nos. Já nos podíamos ter cruzado, pelo menos. Ou até... ter trabalhado juntas noutra peça.

Fred – Não me parece.

Sam – Havíamos de nos lembrar.

Fred – Por outro lado... sete anos de máscara na cara. Já ninguém reconhece ninguém.

Sam – Até nos esquecemos de como é a cara dos outros.

Fred – Eu própria, de manhã, mal me reconheço ao espelho.

Silêncio.

Sam – Há tanto tempo que não podemos exercer esta profissão...

Fred – É verdade. Confesso que até...

Sam – Sim?

Fred – Às vezes pergunto-me se ainda sei fazê-lo.

Sam – Representar... é como fazer amor, não se esquece.

Fred – Fazer amor?

Sam – Ou andar de bicicleta, se preferires...

Fred – Não sei...

Sam – O quê...?

Fred – Não sei se se esquece ou não... Nunca andei de bicicleta.

Sam *(surpreendida)* – Não sabes andar de bicicleta?

Fred – Não... E tu?

Uma pausa.

Sam – Eu também não.

Fred – Enfim, não creio que tenhamos de saber andar de bicicleta para entrar nesta peça...

Sam – Não, provavelmente não...

Fred – Teriam avisado, não? Há pouquíssimas peças em que se anda de bicicleta em palco.

Sam – E fazer amor em palco, ainda menos.

Fred – Pelo menos eu nunca vi nenhuma...

Uma pausa.

Sam – Mas sabes nadar?

Fred – Achas que temos de saber nadar?

Sam – Não, não... Foi só uma pergunta.

Fred – E para que é que haveríamos de saber nadar?

Sam – Não sei... Para não nos afogarmos...

Fred – E tu sabes nadar?

Sam prefere não responder.

Sam – E sabes quem é o autor?

Fred – Que autor?

Sam – O autor da peça! Da peça que estamos a representar...

Fred lança-lhe um olhar inquieto. Max regressa.

Fred – Então?

Max – Então... Estamos tramados.

Sam – O que se passa?

Max – É melhor sentarem-se.

Sam – Bem queríamos, mas não temos cadeiras.

Fred – Falaste com a senhora da bilheteira?

Sam – O que é que ela disse?

Max – Nada...

Fred – Nada?

Max – A funcionária foi-se embora... E levou a caixa com ela.

Sam – Foi-se embora? Sem nos dizer nada?

Max mostra-lhes uma folha de papel.

Max – Deixou-nos isto.

Sam – O texto da peça?

Fred – Só uma página?

Max – Não é o texto. É um recado. Para nós. Acabei de o ler...

Sam – Estamos a ouvir...

Max – Este espetáculo devia ter estreado há sete anos.

Fred – Mesmo antes de fecharem todos os teatros e mandarem os atores para o desemprego...

Sam – E obrigarem toda a gente da cultura a reconverter-se à agricultura...

Fred – E então?

Max – Entretanto, o produtor foi à falência, como tantos outros.

Sam – Porra...

Fred – Mas vão dar-nos o texto da peça? Para a leitura...

Max – Aí é que a coisa se complica.

Sam – Complica? Para quem?

Max – Há sete anos, como o encerramento dos teatros já estava anunciado, o autor não teve pressa nenhuma em escrever a peça...

Fred – Está bem, mas agora já a acabou de escrever...

Sam – Em sete anos, mesmo sem pressas, teve tempo de sobra, não?

Max – Sabem como são os autores... Não costumam matar-se a trabalhar. E quando deixam de sentir pressão...

Fred – Francamente... Que falta de profissionalismo.

Max – Para ele também não foram tempos fáceis... Sem espetáculos, sem direitos de autor...

Sam – E depois?

Max – Acabou por ter uma depressão.

Fred – Então não vem?

Max – Pelos vistos, ainda está internado numa casa de repouso, nem se sabe bem onde.

Sam – Numa casa de repouso... Não foi a escrever esta peça que se cansou, de certeza...

Fred – Mas isto é absurdo! Porque é que convocaram atores para um casting?

Sam – E sobretudo... porque é que nos escolheram a nós?

Max – O tempo passou... Os três atores que estavam previstos já não estão disponíveis.

Fred – Quer dizer... estão ocupados com outros trabalhos?

Max – Mais ou menos... Um alistou-se no exército, o segundo está preso e o terceiro parece que se suicidou.

Fred – Está bem, houve uma mudança de elenco à última hora.

Sam – Até aqui, nada de especial...

Fred – A questão é: por que razão nos chamaram, se não têm nada para representarmos?

Sam – Nem sequer para lermos?

Max *(muito sério)* – Agora é que se vão rir.

Fred – Estou a temer o pior.

Max – Nós não viemos fazer uma leitura...

Sam – Então viemos fazer o quê?

Max – Viemos para a estreia!

Os outros dois ficam estupefactos.

Fred – A estreia?

Sam – Estás a brincar?

Fred – Mas porque mantiveram a data da estreia se a peça nem sequer está escrita?

Max – Até ao último momento, o produtor esperou que o autor entregasse o texto a tempo. Por isso venderam os bilhetes...

Fred – Mas isto é uma loucura!

Sam – Literalmente, se o autor está internado num manicómio.

Max – Quando perceberam que ele nunca ia escrever a peça, já era tarde demais.

Sam – Tinham era de cancelar! E devolver o dinheiro dos bilhetes!

Max – Pelos vistos, o produtor preferiu meter ao bolso a receita da bilheteira...

Fred – Mas ao menos ele vem cá?

Max – Duvido... Fugiu para o estrangeiro para escapar aos credores...

Silêncio.

Sam – E agora, o que fazemos?

Max – Bem... Vamos ter de encher o tempo...

Fred – Encher o tempo? Chamam-nos para a leitura de uma peça que ainda nem foi escrita, dizem-nos que afinal é a estreia... e agora temos de encher o tempo?

Sam – Vamos mas é embora!

Max – Até isso... Receio que não seja assim tão fácil.

Fred – E porquê?

Max – A senhora da bilheteira saiu e trancou a porta à chave. Ficámos todos fechados neste teatro até ao fim da representação.

Fred – Como assim, da representação? Que representação?

Max – Todas estas pessoas pagaram bilhete. E a senhora da bilheteira fugiu com a receita. Se não arranjarmos alguma coisa para lhes representar, ainda nos lincham...

Olham para o público, inquietos.

Fred – Tenho a sensação de que já nos estão a olhar de lado...

Inquietação geral.

Sam – Alguma coisa para representar? Mas o quê? Não temos texto!

Max – Então só nos resta inventá-lo...

Uma pausa.

Sam – Ser autor é uma profissão... O que é que nós havíamos de inventar?

Max – Não sei.

Fred – Improvisamos, então?

Sam – A improvisação também é uma profissão! Já alguma vez fizeram isso?

Max – Não...

Fred – Mas, na vida, estamos sempre a improvisar, não é?

Max – Sim, mas nem sempre é interessante. Ninguém compra um bilhete de teatro para ouvir três desconhecidos a falar do tempo.

Sam – Temos de encontrar alguma coisa para representar, e depressa... *(Para Fred.)* Tens alguma ideia?

Silêncio. Fred parece distraída. Os outros dois trocam um olhar embaraçado e voltam a olhar para ela, à espera de uma resposta. Sem outra alternativa, Sam repete a pergunta.

Sam – Tens alguma ideia?

Silêncio.

Fred – Desculpem, deu-me uma branca...

Sam – Uma branca?

Fred – Uma falha de memória! Acontece aos melhores, não é?

Max – Como é que podes ter uma falha de memória... se nem sequer temos texto?

Fred – Ah, pois é. Tens razão...

Max – Pois tenho.

Fred – Então posso dizer o que me apetecer?

Sam – É mais ou menos o que tens feito desde o princípio, não?

Fred – Posso mesmo dizer tudo o que me passar pela cabeça?

Os outros dois ficam um pouco preocupados. Max vira-se para o público.

Max – Olhem para eles... Aposto que estão a perguntar-se se isto já está tudo escrito...

Fred – Se me deu mesmo uma branca...

Max – Se estamos a improvisar...

Sam – Ou se estamos mesmo metidos numa grande merda...

Uma pausa.

Max – Bom, e se começássemos por nos apresentar?

Fred – Para quê?

Max – Para ver se há alguma coisa nas nossas vidas que sirva de ponto de partida para uma peça.

Sam – Percebo... Qualquer coisa que dê origem a uma situação.

Max – Uma comédia ou uma tragédia, tanto faz.

Sam – Está bem...

Fred – Quem começa?

Olham uns para os outros com desconfiança.

Max – Parece uma reunião dos Alcoólicos Anónimos, eu sei...

Sam – Então chamemos-lhe Atores Anónimos... Tendo em conta a nossa fama na profissão...

Max vira-se para Fred.

Max – Queres começar?

Fred – Está bem... Chamo-me Fred.

Max – Max.

Sam – Sam.

Silêncio.

Max – E, tirando isso...?

Fred – Não sei... O que queres saber?

Max – Se não quiseres falar de ti, fala-nos do teu trabalho.

Fred – Do meu trabalho?

Max – Do teu trabalho de atriz...

Novo silêncio.

Sam – Por falar em trabalho...

Fred – O quê?

Sam – Tenho uma pequena confissão a fazer.

Max – Estamos a ouvir...

Sam – Na verdade... não sou bem atriz.

Fred – Ah, não...?

Sam – Digamos que... exagerei um bocado no currículo. E como hoje em dia ninguém quer ser ator... Pelos vistos, nem olharam bem para as candidaturas.

Max – Estou a ver...

Sam – E vocês?

Max – Comigo foi igual.

Sam vira-se para Fred.

Fred – Quanto a mim, confesso que... fiz mais do que exagerar.

Max – Como assim?

Fred – Nunca fiz teatro na vida. E vocês?

Sam – É a primeira vez que subo a um palco.

Max – Eu também.

Uma pausa.

Max – Portanto, resumindo, nenhum de nós é ator e não temos texto para representar...

Sam – Ainda vamos descobrir que as pessoas da sala também não são espectadores...

Fred – Se não são espectadores... então o que é que são?

Max – Não sei... Há sete anos que ninguém vai ao teatro...

Sam – Também não iam assim tantos antes...

Max – Pode haver um ou dois espectadores verdadeiros, que hão de saber quem são, e os outros são figurantes...

Sam – Ou bonecas insufláveis, como nos estúdios de televisão.

Silêncio.

Sam – Isto já está a ir longe demais, não está?

Fred – Pois... Até começa a meter medo.

Max – Está bem, então voltemos às nossas vidas. Se nenhuma de vocês é mais atriz do que eu, devem ter um emprego a sério. O que é que fazem?

Silêncio embaraçoso.

Sam – Eu já não fazia grande coisa antes... Com esta crise sanitária, então...

Fred – Sempre tive dificuldade em arranjar emprego. Até no teatro... E tu?

Max – Eu também não fazia nada de especial.

Fred – São casados?

Sam – Não.

Fred – Têm filhos?

Max – Também não.

Fred – Família? Amigos?

Silêncio.

Sam – Que espécie de peça se pode inventar com três pessoas que não fazem nada na vida, não têm relações sociais nem vida sexual?

Max – E se bebêssemos qualquer coisa? Talvez nos desse inspiração.

Fred – Pois, dizem que a maior parte dos escritores são alcoólicos.

Sam – Infelizmente, nem todos os alcoólicos são escritores.

Max – Acho que vi umas garrafas nos bastidores.

Vai buscar uma garrafa de vinho, uma garrafa de uísque e alguns copos.

Sam – Para mim, vinho, por favor.

Fred – Uísque. Bem preciso.

Max serve-lhes as bebidas e serve-se também de vinho tinto. Bebem.

Sam – Este vinho tem um sabor esquisito...

Max – É xarope de morango. E o uísque?

Fred – É sumo de maçã.

Sam – Estamos no teatro... É tudo a fingir...

Max – Pois... A começar por nós...

Fred – A fingir?

Sam – Não somos atores a sério...

Max – Ninguém nos conhece.

Fred – Não conhecemos ninguém.

Sam – Então quem somos nós?

Max – Três personagens à procura de autor?

Fred – Na peça de Pirandello são seis.

Sam – Deve ser por isto ser uma produção de baixo orçamento.

Max – Uma produção falida, sobretudo.

Fred – Isso não nos diz o que vamos representar...

Sam bebe outro gole e faz uma careta.

Sam – Não conheço nenhum escritor que tenha encontrado inspiração em xarope de morango...

Uma pausa.

Fred – Mas olhem que a nossa situação até tem a sua graça...

Max – Que situação?

Fred – Atores que afinal não são atores...

Sam – Que têm de improvisar uma peça no dia da estreia porque não têm texto.

Fred – Não é propriamente uma situação banal, pois não?

Max – Pois não...

Sam – Então já estamos a representar essa peça sem saber?

Fred – Porque não?

Max – Falta saber o que acontece a seguir.

Fred – Pois, esse é que é o problema...

Uma pausa.

Sam – E se lhes perguntássemos?

Max – A quem?

Sam – Aos espectadores!

Fred – Talvez esteja aqui alguém que já viu a peça e nos possa dizer como acaba...

Max – Como é que alguém podia tê-la visto se hoje é a estreia?

Fred – Ah, pois é...

Max – E sobretudo se a peça ainda não foi escrita.

Uma pausa.

Fred – Mas a estreia não foi já ontem?

Max – Talvez... Mas os espectadores não eram os mesmos...

Sam – Claro... Ninguém seria maluco ao ponto de ver este espetáculo duas vezes.

Fred – Só para confirmar que, no meio desta improvisação total, dizemos exatamente as mesmas coisas em todas as sessões.

Silêncio.

Sam – Mas, sei lá... Se este espetáculo é um naufrágio, se calhar eles têm uma ideia melhor.

Fred – Uma ideia de quê?

Sam – Uma ideia para uma peça!

Uma pausa.

Fred – Perguntar aos espectadores se têm alguma ideia melhor do que este triste espetáculo que lhes estamos a oferecer? Achas mesmo que podemos fazer isso?

Max – Nem sequer devíamos falar com eles durante a representação.

Fred – Devíamos até fingir que eles não estão cá. Chama-se a quarta parede...

Sam – Vais continuar muito tempo a massacrar-nos com a tua quarta parede? Que interessa isso agora?

Fred – Está bem, mas... se deixamos de respeitar as regras do teatro...

Sam – O espetáculo ao vivo morreu há sete anos! E nós... somos mortos-vivos, é o que somos! Ainda não perceberam?

Fred – Calma, também não vale a pena exaltares-te... Podemos continuar a ser educados...

Sam – Desculpem, acho que estamos todos com os nervos em franja...

Max – É verdade que estamos perante uma situação completamente inédita.

Sam – E situações inéditas exigem soluções inéditas...

Max – Afinal, nunca se sabe, pode haver um autor na sala...

Fred – Não custa perguntar...

Sam – Há algum autor na sala?

Percorrem a plateia com o olhar. Se algum espectador se manifestar, seja ou não autor, os atores observam-no com ar duvidoso. A fala seguinte mantém-se inalterada.

Sam – Pelo menos... era preciso encontrar alguém com ar de ter alguma imaginação...

Fred – Não vai ser fácil...

Max *(apontando para um espectador)* – Porque não aquele senhor...? Desculpe, acordei-o?

Fred *(apontando para outra pessoa)* – Ou aquela senhora...?

Max – Pelo menos não está a dormir, mas... também não parece muito desperta.

Sam dirige-se a um terceiro espectador, que faz parte do elenco: o suposto crítico.

Sam – Desculpe, senhor...?

Jacky – Eu?

Sam – Sim, o senhor. Tem alguma ideia?

Jacky – Uma ideia? Não...

Sam – Venha, por favor.

Jacky – Ah, não, mas... Garanto-lhe que não tenho imaginação nenhuma.

Max – Não nos vai deixar ficar mal!

Fred – Venha connosco, não seja tímido.

Sam – Não se preocupe, nós também não somos atores.

Jacky – Bem...

Jacky levanta-se com as muletas. Tem, evidentemente, muita dificuldade em subir ao palco. Sam ajuda-o e Jacky consegue, a custo, chegar lá acima.

Max – Obrigado por aceitar com tanto entusiasmo participar na escrita ao vivo desta peça que estamos a representar diante dos seus olhos. Está a salvar-nos a vida...

Os três atores olham para Jacky com uma mistura de esperança e ceticismo. Esperam que ele diga alguma coisa, mas nada. O homem parece bastante debilitado.

Sam – Pois... Acho que nos saiu a sorte grande...

Fred – Se calhar era melhor sentá-lo. Mal se aguenta de pé...

Sam – Mas continuamos sem cadeiras.

Fred – Quer sentar-se, senhor?

Jacky olha em volta, preocupado.

Jacky – Desculpe?

Fred – Ainda por cima é surdo como uma porta... Quer sentar-se?

Sam – Surda és tu! Estou a dizer-te que não temos cadeiras!

Jacky – Sentar-me? Ah... Não, obrigado. De qualquer modo, não vou demorar.

Max – Por favor, não nos deixe ficar mal. Acho que percebe a gravidade da situação.

Jacky – Sim...

Fred – E consegue ajudar-nos?

Jacky – Gostava muito, mas... como?

Sam – Para começar... Que género de peças gosta de ver no teatro?

Jacky – Comédias, de preferência.

Max – Está bem... Portanto, uma comédia. E o que é que o faz rir, em geral?

Jacky – Não sei... Se soubesse de antemão o que me vai fazer rir, já não teria graça, pois não?

Sam – Porra, parece que nos calhou um intelectual...

Max – Se tivesse de escrever uma comédia, sobre o que é que falava?

Jacky – Sobre o quê?

Fred – Sobre quem, então? A sua sogra, por exemplo?

Jacky – A minha sogra? Porque havia de falar da minha sogra?

Fred – A sogra é uma figura clássica das comédias populares. Pelos vistos, as sogras têm sempre graça. Pelo menos no teatro...

Jacky – A minha foi atropelada por uma ambulância. Acham que isso faz rir alguém... para além de mim?

Sam – Depende de como se conta...

Max – Parece que não são só as pernas que não funcionam. Também lhe falta um parafuso...

Jacky – Ouçam, quando vou ao teatro é para me divertir... E vocês estão a pedir-me que escreva a peça por vocês.

Sam – Porque não?

Jacky – Mas não são os espectadores que devem escrever a peça que vieram ver! E já agora, porque não representá-la também?

Fred – Admita que até agora nunca se fez!

Jacky – Se for teatro de vanguarda, então...

Max – Tem razão... Depois de sete anos de encerramento, isto deve ser teatro de retaguarda.

Jacky – Já posso voltar para o meu lugar?

Uma pausa.

Sam – E agora toda a gente está a perguntar-se se este idiota é um espectador verdadeiro... ou se faz parte do elenco.

Max – Se está a improvisar ou a dizer as falas.

Fred – Mas, pensando bem, na vida será que sabemos alguma vez se estamos a improvisar... ou se tudo o que dizemos já não estava escrito de antemão?

Jacky – Alto lá... Também não vale a pena ficarmos demasiado filosóficos. *(Aponta para o público.)* Olhem que já os estão a perder...

Max – Muito bem, voltemos a uma coisa mais leve. Já agora, diga-me: o que lhe aconteceu? Uma má queda?

Fred – Achas mesmo que vamos fazê-los rir com uma má queda?

Sam – Uma queda mal dada, talvez não. Mas uma queda bem dada faz sempre rir, não?

Jacky – Tentei suicidar-me atirando-me da janela do hospital.

Max – Pois, aí já não sei se... É sempre difícil fazer humor com o suicídio.

Jacky – Como estava no primeiro andar e caí em cima do tejadilho de uma ambulância, só torci o tornozelo.

Sam – Isso até tem uma certa graça, não tem?

Jacky – Acham?

Max – E porque estava internado no hospital?

Jacky – Eu não estava internado! Tinha ido visitar a minha sogra.

Fred – Pensei que ela tinha morrido...

Jacky – Disse que ela tinha sido atropelada por uma ambulância, não disse que tinha morrido! Vocês também não são muito rápidos a perceber as coisas. Não me admira que não consigam ter uma ideia para a vossa peça...

Sam – Este homem já me está a dar cabo dos nervos. A vocês não?

Max – E... porque quis pôr fim à vida? Se não for indiscrição...

Jacky – É uma longa história.

Fred – Ótimo! Uma história é precisamente o que nos faz falta!

Jacky – Pois, a verdade é que a minha sogra acabava de me dizer...

Ouve-se um crepitar, seguido de uma voz gravada. É a voz de Jacky, mas dificilmente reconhecível.

Voz gravada – Boa noite a todos. Sou Jacky Ramirez, o autor desta peça que não tive coragem de escrever. Se estão a ouvir esta mensagem, é porque já conseguiram chegar a mais de metade da representação sem serem linchados... Parabéns! Infelizmente não posso estar aí convosco esta noite, mas continuem, estou convosco de coração... Entretanto, minhas senhoras e meus senhores, cinco minutos de intervalo. *(Mais baixo.)* Sempre são cinco minutos que se ganham...

Novo crepitar e fim da mensagem.

Fred – Um intervalo? Isso não estava previsto...

Max – Se os deixarmos sair da sala, não volta ninguém, de certeza.

Fred – Então o que fazemos?

Sam – Improvisamos...

Sam tira do bolso uma pistola de brincar, tão mal imitada que se percebe logo que não é verdadeira. Pode também ser uma pistola de dardos.

Fred – Mas...

Sam – Minhas senhoras e meus senhores, por favor, mantenham-se sentados. Ninguém se mexe.

Momento de perplexidade.

Max – Isto já não é uma representação, é uma tomada de reféns...

Jacky – Nota-se um bocado que a pistola é falsa, não?

Sam baixa a arma.

Sam – Estamos no teatro! É tudo a fingir...

Max – Menos os bilhetes...

Jacky – Desculpem, mas... esta palhaçada ainda vai demorar muito?

Os outros três olham para os relógios.

Fred – Não se preocupe, o pior já passou.

Jacky – Tenho de estar em casa antes do recolher obrigatório.

Max – Pensei que o recolher obrigatório já tinha acabado.

Jacky – Acabou, sim... Mas a minha sogra decidiu prolongá-lo por tempo indeterminado. Só para mim... Então?

Fred – Diria que... mais uma meia hora, não? Para o público sentir que recebeu alguma coisa pelo dinheiro que pagou.

Sam – Vai ser a meia hora mais longa da minha vida...

Max – Onde é que íamos? Ah, sim, estava a contar-nos a sua tentativa de suicídio. Falhada, portanto...

Jacky – Pois... Falhei tudo na vida. Até o suicídio... É o que a minha sogra está sempre a dizer...

Sam – Acho que ainda podemos aproveitar qualquer coisa dessa sogra, não acham?

Jacky – Foi a minha segunda tentativa...

Fred – Conhece o ditado?

Jacky – Que ditado?

Fred – Não há duas sem três! De certeza que à próxima é que vai ser... *(Os outros lançam-lhe um olhar de reprovação.)* Quero dizer... há sempre uma luz ao fundo do túnel, não há?

Jacky – Pois... Quando estamos mortos, suponho.

Sam – E da primeira vez atirou-se do rés do chão, ou...?

Jacky – Da primeira vez escolhi o gás... Mas tinham-no cortado na véspera.

Fred – É desumano. Cortarem assim o gás, sem aviso, a pobres pessoas que já não têm outro meio de pôr fim à vida...

Max – E o que é que fazia na vida? É curioso... A sua cara é-me estranhamente familiar... E a voz também me diz qualquer coisa.

Sam – Pois, a mim também... Tenho a sensação de já ter ouvido esta voz em algum lado...

Fred – Talvez num teatro?

Jacky – É possível, sou... Quer dizer, era...

Sam – Sim?

Jacky – Crítico de teatro.

Fred – Crítico?

Jacky – Há sete anos que não tenho oportunidade de exercer, mas...

Max – E veio fazer a crítica deste espetáculo?

Jacky – Para isso a peça tinha de estar escrita, não acham?

Sam – Pois, claro...

Max – Portanto, afinal, o único profissional do teatro aqui é o senhor?

Jacky – Sabem... Quando se é crítico, é porque não se sabe fazer mais nada.

Sam – Mas, de tanto criticar peças que considera más, deve saber como se escreve uma boa, não?

Fred – Pois, se o crítico escrever a peça, ao menos temos a garantia de que não a vai arrasar.

Jacky – Bem, acho que vou andando. Chamem-me quando tiverem um espetáculo a sério para apresentar...

Tenta sair, caminhando com dificuldade e apoiado nas muletas. Max interpõe-se.

Max – Nem pensar!

Jacky – Desculpe?

Max – Revistem-no!

Fred – O que é que te deu?

Max – Tenho a certeza de que está a mentir. Quero ver-lhe os documentos.

Jacky – Mas isto é um absurdo...

Max tira a pistola das mãos de Sam e aponta-a a Jacky.

Max – Vai mostrar-me a identificação ou não?

Jacky – Está bem, aqui tem.

Entrega-lhe um documento de identificação. Max pega nele e examina-o.

Max – Jacky Ramirez... Eu sabia!

Fred – Jacky Ramirez?

Max – É o autor desta peça que ainda não foi escrita.

Sam – Pois claro... Era a voz dele naquela mensagem gravada!

Fred – E ainda tem o descaramento de vir assistir ao nosso naufrágio!

Sam – O assassino volta sempre ao local do crime.

Max – E o autor vai sempre à estreia das suas peças.

Fred – Mesmo quando não teve coragem de as escrever.

Jacky deixa cair as muletas, tira a eventual barba postiça e os óculos e começa a andar normalmente, de repente cheio de energia. Parece outra pessoa, muito mais jovem.

Jacky – Está bem, admito. A culpa é toda minha... Ou quase.

Sam – Quase? Dê-nos uma razão para não o enforcarmos já no pano de boca.

Jacky – Os teatros estiveram fechados durante sete anos! Pensei que esta peça nunca seria representada! Para que é que havia de a escrever?

Max – Seja como for, fica connosco. Se o público nos linchar, o senhor vai enforcado ao nosso lado.

Sam – Mas talvez tenha uma ideia para nos tirar daqui? Afinal, é o autor... Ter ideias faz parte do seu trabalho, não é?

Jacky – Julgam que as ideias aparecem assim, de repente?

Max – Portanto, não tem nenhuma?

Jacky – Nem uma.

Fred – Que peso morto...

Max – Então o que propõe?

Jacky – Não sei... Uma criação coletiva?

Sam – O que é isso?

Jacky – Já estava muito na moda há sete anos. Sem autor. E até sem encenador. Toda a gente participa na escrita: atores, técnicos, contrarregra, ponto... Até a senhora da bilheteira e os assistentes de sala.

Sam – E qual é a vantagem?

Jacky – Sobretudo? Poupa-se nos direitos de autor...

Fred – E resulta?

Jacky – Não muitas vezes, mas... às vezes resulta.

Max – Estamos bem arranjados...

Jacky – Confiam em mim ou não?

Sam – Não. Mas temos alguma alternativa...?

Jacky – Vou buscar papel e lápis para apontar as ideias de todos e começamos já, está bem? E aproveito para guardar isto... Os acidentes acontecem num instante...

Tira a pistola das mãos de Max e sai. Os outros três trocam olhares inquietos. Silêncio.

Fred – Acham que ele volta?

Max – Nunca devíamos tê-lo deixado sair...

Sam – Vou ver se não aproveita para fugir à socapa...

Fred – Está armado, não sei se isso é muito prudente...

Sam – Acham que seria capaz de nos matar?

Fred – Não era a primeira vez que um autor se livrava das personagens ao perceber que já não sabia o que fazer com elas...

Sam prepara-se para sair quando se ouve, como no início de uma peça, uma série de pancadas rápidas dadas no chão com um bastão, seguidas de três pancadas mais lentas. Ouvem-se a primeira e a segunda. A terceira é um disparo. Os outros três ficam estupefactos.

Fred – Aquilo pareceu um tiro, não pareceu?

Sam – Vou ver.

Max – Vou contigo.

Os dois saem.

Fred – Meu Deus... Se calhar era melhor eu ir-me embora enquanto eles não estão cá... E aconselho-vos a fazerem o mesmo.

Fred começa a afastar-se, mas os outros dois regressam, carregando o suposto cadáver de Jacky, e barram-lhe a passagem.

Fred – O que é isto?

Max – É o autor.

Fred – Não está com muito bom aspeto...

Sam – Está morto.

Fred – Mas o que aconteceu?

Max mostra a pistola que Jacky ainda segura na mão.

Max – Parece que se deu um tiro na cabeça.

Sam – Tinhas razão... À terceira foi de vez...

Fred – Mas isto faz parte da peça ou...?

Max – Confesso que já não sei...

Fred – E têm a certeza de que está morto?

Sam – Deu um tiro na cabeça, estou a dizer-te!

Fred – Não sei quem vai ser o próximo... Este espetáculo parece cada vez mais um suicídio coletivo...

Fred examina a arma.

Fred – É uma pistola de teatro. É de plástico...

Max examina a ferida, toca com o dedo na pasta vermelha que lhe cobre a têmpora e leva o dedo à boca.

Max – É doce de framboesa...

Fred aproxima-se e repete o gesto.

Fred – Eu diria que é de cereja...

Max – Então não está morto a sério.

Sam – No teatro, enquanto se faz de morto, está-se morto.

Max – E agora quem escreve a peça?

Silêncio.

Fred – Não haverá maneira de o ressuscitar?

Sam – Com um bocadinho de uísque, talvez...

Fred – É sumo de maçã.

Max – Mas como não está morto a sério...

Max dá-lhe de beber diretamente da garrafa. Jacky recupera os sentidos.

Jacky – O que se passa? Onde é que eu estou?

Sam – No palco. Está a representar numa peça que ainda não escreveu.

Fred – E o público está aqui, à espera de que digamos finalmente alguma coisa interessante.

Jacky parece aterrorizado.

Jacky – Isto é um pesadelo...

Max – Nem me diga...

Jacky levanta-se e dirige-se ao público.

Jacky – Desculpem, eu sei que esta peça é muito má. A pior da minha carreira, sem dúvida...

Fred – Ainda se pode chamar-lhe uma peça?

Jacky – Mas tentem compreender-me. Sete anos... Achei que o teatro tinha morrido de vez.

Fred – Mas não. Mais uma vez, renasce das cinzas.

Jacky – O teatro talvez, mas eu... Receio já não ter nada para dizer...

Sam – Os seus dramas pessoais não nos interessam! Estamos aqui a tentar salvar a pele! Sem uma boa história, nem sequer existimos!

Jacky – Desculpem... Neste momento não me ocorre nada...

Max – Se já não tem inspiração, explique-nos como se escreve uma peça e nós desenrascamo-nos!

Jacky – Mas isto não é uma receita de cozinha! Do género... como fazer maionese sem falhar.

Sam – Mas há de haver uns truques do ofício de escritor que nos possa ensinar.

Jacky – Diz-se que, para escrever uma boa peça, basta deixar as personagens falar...

Sam – Mas...?

Jacky – Só que é preciso que as personagens tenham interesse! E vocês não têm consistência nenhuma...

Sam – Agora a culpa é nossa... Se continua assim, ainda leva uma chapada!

Fred – Então é isso... Somos personagens sem autor...

Max – Criaturas sem criador.

Sam – Pelo menos somos livres.

Max – Sim... Mas temos de encontrar sozinhos uma razão para existir, se quisermos continuar vivos.

Fred – Um pouco como a humanidade, afinal. Órfã do seu criador, condenada a criar-se a si própria... e sem saber o que fazer com a liberdade.

Jacky – Têm razão... A vida é um teatro... Deus morreu... E eu próprio não me sinto lá muito bem.

Uma pausa. Cruzam olhares.

Fred – Acham que essa podia ser a ideia da peça?

Sam – Três atores convocados para a leitura de uma peça que ainda está por escrever...

Jacky – Sim, porque não...? Acho que temos aqui o começo de qualquer coisa...

Fred – Então pronto, está a começar?

Max – Eu diria que está a acabar, não?

Sam – Digamos que é o fim do princípio.

Fred – Ou o princípio do fim...

Jacky – Bom... Já não precisam de mim, então?

Max – Pode sempre ficar a tomar notas...

Jacky tira do bolso um bloco e um lápis e prepara-se para escrever.

Fred – Tenho a sensação de que vamos fazer um sucesso.

Sam – Ou um fiasco, tanto faz. Desde que possamos representar!

Fred – Sete anos de intervalo... Sem teatros, sem atores, sem autores...

Sam – Mas o espetáculo continua.

Jacky – Enquanto houver espectadores!

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Paris – Maio 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-631-6

Documento para download gratuito